

A METODOLOGIA VISUAL DE PADRE ROLIM

THE METHODOLOGY OF VISUAL PRIEST ROLIM

Eunice Simões Lins Gomes¹

RESUMO

Este artigo trata sobre a dimensão do método de ensino aplicado bem como o sucesso do trabalho desenvolvido por Padre Rolim conhecido como “Anchieta do nordeste” no contexto do sertão paraibano, na cidade de Cajazeiras-PB a partir da criação da sua escola na fazenda de seus pais no ano de 1829. Nossa pesquisa é descritiva, documental e de campo, e para coleta dos dados utilizamos as fontes primária e secundária. Como resultado do estudo apresentamos uma análise da visualidade metodológica aplicada por Padre Rolim em sua escola tendo como suporte teórico a teoria geral do imaginário.

Palavras-chave: Educação. Religião. Imaginário.

INTRODUÇÃO

Na aridez do sertão nordestino, na fazenda das Cajazeiras, nesse cenário, encontramos Padre Rolim (1800-1899), em meados do Século XIX, um mestre-sábio que encheu o sertão com a sua figura lendária. Além de seu ministério religioso, acreditava que sua missão era a de educador da filharada sertaneja. O seu desejo era de que eles encontrassem o essencial de sua formação escolar. Seria a promoção do homem através do saber.

Lúcio Alcântara, 2000.

Iniciamos a nossa reflexão sobre “**A metodologia visual de Padre Rolim**” descrevendo, de forma sucinta, apenas para situar o leitor sobre um pequeno contexto histórico referente a Inácio de Sousa Rolim (1800-1899), conhecido como Padre Rolim, um homem douto, que se sobressaiu no âmbito familiar, o que fez com que os pais o enviassem para o Crato-CE, onde recebeu sua primeira formação nos estudos.

Em seguida, Inácio de Sousa Rolim seguiu para o Seminário de Olinda-PE e obteve a sua formação para o sacerdócio. Em 1829, quando retornou para Cajazeiras-PB, já como sacerdote, iniciou a construção de uma escola, que foi o primeiro estabelecimento de ensino no vilarejo, e a construção de uma igreja na

¹ Professora Pós-doutora do Departamento de Ciências das Religiões e do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões-PPGCR da UFPB. Líder Grupo de estudo e pesquisa em Antropologia do Imaginário – (GEPAL), Brasil. E-mail: euniceslgomes@gmail.com,

fazenda de seus pais, recebendo todo o apoio de sua mãe. Padre Rolim permaneceu em Cajazeiras-PB até morrer em 1899.

É possível identificar, nos registros históricos de nossa pesquisa, como a intensa e notável atividade desse Padre civilizador-sertanejo se expandiu devido à ação educativa que proporcionou à cidade de Cajazeiras-PB e ao sertão nordestino. Assim, , no dia 14 de março de 1860, por Decreto Imperial, Padre Rolim foi condecorado por D. Pedro II com as insígnias da Ordem de Cristo no grau de Comendador. Pouco depois, no mesmo grau de Comendador, mais uma vez, foi condecorado pelo Imperador, que o agraciou com a Ordem da Rosa, pelos relevantes serviços prestados à causa da educação, e foi chamado por D. Pedro II de o “Anchieta do Nordeste”, conforme registra Pires (1991).

Padre Rolim influenciou a mudança de várias mentalidades durante o Brasil Império nos sertões da Paraíba. Além do grande pesquisador que foi e colaborador dos naturalistas franceses, ele escreveu duas importantes obras - “*Extracto de Gramática Grega*” e “*Noções de História Natural*” – nas quais classificou a fauna e a flora sertanejas. Entretanto, alguns historiadores, que utilizamos como fonte bibliográfica em nosso estudo - Pires (1991), Leitão (1991), Mariz (1985), Silva (1988) e Alcântara (2000) - registraram a história de Padre Rolim na cidade de Cajazeiras – PB - em seus livros escritos. Ressaltamos também a produção do filme “O sonho de Inacim: o aprendiz do Padre Rolim”, no ano de 2006, pelo diretor e roteirista, teatrólogo e cineasta Eliezer Rolim Filho, que apresenta um roteiro sobre a vida de Padre Rolim em Cajazeiras-PB.

Padre Inácio de Sousa Rolim passou a maior parte de sua vida na cidade de Cajazeiras e só se retirou para o Crato-CE- quando obteve sua primeira fase dos estudos, e para Olinda-PE, quando se formou no sacerdócio, ocasião em que chegou a ocupar as funções de reitor e de professor no Seminário de Olinda-PE anos depois. Percebemos que Padre Rolim não foi um caso isolado no sertão nordestino, pois existe registro histórico de outros religiosos que, de alguma forma, deixaram sua contribuição no Nordeste brasileiro no Século XIX, tais como: Padre José Antônio de Maria Ibiapina, com suas chamadas Casas de Caridade para os pobres; Miguelinho, Vigário Tenório e Frei Caneca, com atuação de caráter revolucionário em Mossoró-RN; os Capuchinhos, Frei Guadoso e Frei Celestino, com as missões realizadas na Paraíba; Padre Cícero Romão Batista, ex-aluno do Colégio de Padre Rolim, com suas missões em Juazeiro-CE; e os Colégios Salesianos, inspirados nos valores do evangelho, que alcançaram os municípios de São João do Cariri e Areia, no brejo paraibano, de acordo com Mariz (1985, p. 220). Contudo, é possível identificar a notoriedade de Padre Rolim como educador/sacerdote na cidade de Cajazeiras-PB e no sertão nordestino, mesmo que essas ações tenham sido desconsideradas da historiografia da educação brasileira por diversos historiadores, como Piletti, (1988, 2003); Gadotti (2011); Paiva (1987); Saviani (2012) e Ghiraldelli Júnior (2011).

Em nosso artigo, partimos do pressuposto de que Padre Inácio de Sousa Rolim foi movido por uma grande vocação e desejava passar o conhecimento que recebera em sua formação para os filhos dos sertanejos, porque entendia que “a educação é o que salva o homem”. Essa era uma das frases que ele mais usava para convencer os pais sertanejos a permitirem que seus filhos fossem estudar em sua fazenda/escola.

Em nosso estudo, adotamos a relação educador/sacerdote para Padre Inácio de Sousa Rolim, entretanto é preciso diferenciar educador de professor,

tendo como base teórica Rubem Alves (1993, p.11), que refere que “ser professor é profissão, não é algo que define por dentro, por amor; ser educador ao contrário não é profissão, é vocação, e toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança, de uma forte paixão”. O autor (1999, p.11) assevera que “os educadores são como as velhas árvores. Possui uma fase, um nome, uma estória a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos”. Nessa trama, cada aluno é uma entidade *sui generis*, é portador de um nome, de uma história que vai sendo construída, por vezes, sofrendo tristezas ou alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer nesse espaço invisível e denso que se estabelece na teia de relações. O bom é que ela acontece, marca o outro e fortalece suas raízes.

Assim reafirmamos que, em certo sentido, o educador tem uma forte paixão, um desejo de mudança, e Padre Rolim desenvolveu em suas ações educativas a paixão pelo povo sertanejo, o desejo de sair do analfabetismo que assolava a região, e como um grande visionário, dedicou toda a sua vida ao ofício de educador/sacerdote até a morte.

Ficou Lembrado em Cajazeiras que, nos seus últimos anos de vida, Padre Rolim saía a bater de porta em porta, pedindo aos pais que não deixassem de encaminhar os seus filhos para a escola. (LEITÃO, 1991, p. 63)

Pois bem, é possível remeter essa ação de Padre Rolim como educador/sacerdote à imagem de uma grande árvore - o jequitibá - como afirma Rubem Alves (1993, p.15), um educador que habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença e em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos. Parafraseando Rubem Alves (1993, p.12), consideramos que essa grande árvore, a cajazeiras, que viceja e floresce na fazenda/escola, é o próprio Padre Rolim, frondoso e exuberante, que exala seu aroma e seu azedume, revestido com sua casca grossa, mas flexível; com suas folhagens viçosas e de cor verde, remete à esperança, que se espalha entre a teia de seus galhos, que, de forma atraente, convida a todos para sua sombra refrescante e, ao mesmo tempo, acolhe os alunos que chegam para essa árvore do conhecimento. Nela, os filhos dos sertanejos são formados. O que proporcionava naquele conjunto precário de situações possíveis e, quem sabe, necessárias a uma nova posição no mundo e trazia a luz do saber. Porém, como o objetivo de nosso artigo consiste em apresentar uma análise da visualidade metodológica aplicada por Padre Rolim, estruturamos a metodologia com base em uma pesquisa descritiva, documental e de campo, na cidade de Cajazeiras, onde foi realizada boa parte de nossa investigação, em fontes históricas, através de fonte primária e secundária, e descrevemos algumas imagens da metodologia utilizada por Padre Rolim em sua escola, tendo como suporte teórico a teoria geral do imaginário.

O MÉTODO DE ENSINO DE PADRE ROLIM

Levando em consideração a formação que Padre Rolim obteve no colégio do Padre José Martiniano de Alencar, pai do romancista José de Alencar, na cidade do Crato-CE, por um período de quatro ou cinco anos, onde realizou os seus estudos preparatórios e a formação que alcançou no Seminário de Olinda-

PE obtendo a sua formação como sacerdote, inferimos que ele tenha reproduzido, em sua fazenda/escola, a formação que recebera advinda da forte influência do método de ensino jesuítico e do método de ensino proposto por Lancaster. Por isso, passaremos a descrever a metodologia de ensino aplicada por Padre Rolim em sua fazenda/escola, apresentando, de forma sucinta, as imagens e os métodos de ensino.

QUANTO AO MÉTODO DOS JESUÍTAS

Iniciamos esta descrição sobre o método de ensino dos Jesuítas lembrando que a Igreja Católica esteve, ao longo dos séculos, na direção da educação, no entanto, com o movimento da Reforma Protestante, sofreu grandes modificações e perdas tanto de fiéis quanto do papel que ocupava no âmbito educacional. Porém foi com o movimento da contrarreforma que adotou várias medidas para conter o avanço dos protestantes na Europa e no Novo Mundo, voltando a assumir um novo papel no âmbito educacional. Dentre várias medidas tomadas, destacamos a Companhia de Jesus, com Inácio de Loyola, que trazia a consciência do valor da educação para o combate às heresias e para promover a expansão do catolicismo.

A Companhia de Jesus trabalhava em três direções: para colocar bons pregadores nas igrejas e preparar uma boa liturgia e um espaço agradável aos fiéis para que ali permanecessem; para trabalhar com os jovens, abrindo escolas gratuitas no sistema de internato para sua formação sacerdotal, e criar missões estrangeiras enviando os Jesuítas para catequisarem. No entanto, a segunda direção voltada para a educação foi a que se constituiu como a atividade mais importante da Companhia de Jesus, pois tinha um bom nível de professores, uma boa qualidade de ensino e um plano de estudo organizado com aulas de Filosofia, Teologia, Gramática, Humanidades e Retórica, ensinamento correto do latim, boas maneiras e arte dramática, além das recentes descobertas da Geografia, da Matemática e da Ótica (FRANÇA, 1952)².

Assim, no ano de 1553, foi inaugurado o primeiro colégio, na cidade de Lisboa, onde os Jesuítas ministravam aulas públicas e, aos poucos, foram sendo enviados a todos os continentes para implantar o plano de estudo composto por uma série de regras e de disposições didáticas. No decorrer dos anos, a atividade pedagógica dos Jesuítas se estendeu e deu origem a uma rede escolar estável, com ensino gratuito e aberto para todas as classes sociais. Convém, no entanto, lembrar que a Companhia de Jesus se constituía de uma ordem religiosa, formada por padres, os quais haviam sido formados a partir de regras e submetidos a elas. Logo, é perceptível, na prática educacional dos Jesuítas, a imposição de regras que deveriam nortear os métodos de ensino a serem aplicados.

Quanto à participação dos Jesuítas no Brasil, encontramos, nos registros históricos da educação brasileira, que, durante um período de duzentos e dez anos, eles se responsabilizaram pela educação e pela orientação religiosa a ser seguida e aperfeiçoaram sua prática de acordo com os interesses propostos. O

² Dados obtidos de acordo com os registros efetuados por Padre Leonel de França, em seu livro "O método pedagógico dos Jesuítas" publicado em 1952.

objetivo principal desses religiosos consistia em evangelizar e estabelecer a religião católica em terras brasileiras por meio da educação.

Os Jesuítas perceberam que não seria possível converter os índios à fé católica sem lhes ensinar a ler e a escrever (PILETTI, 1988). Por isso, ao lado da catequese, iniciaram a atividade pedagógica através da intervenção local em aldeias indígenas, na senzala dos escravos, na casa-grande dos senhores de engenho, a fim de orientar a fé e ensinar as primeiras letras que eram adaptadas às necessidades específicas de cada grupo que por ele passava.

Imagem 1 – O Jesuíta Padre José de Anchieta - Evangelho nas selvas



Fonte: pt.wikipedia.org.
Ficheiro - Benetido Calixto

A perfeita organização do modelo educacional, desde o cuidado com a preparação de professores até o método de ensino, foi um pilar fundamental para o sucesso da atuação dos Jesuítas.

A *Ratio Studiorum*, plano completo dos estudos mantidos pela Companhia de Jesus, era composto por aulas elementares de leitura e de escrita, além de três cursos que eram oferecidos:

a) o Curso de Letras, que abrangia estudos da gramática latina, de humanidades (com o estudo de história, poesia) e de retórica. Esses cursos duravam, em média, cinco ou seis anos; b) o Curso de Filosofia, que abrangia estudos de lógica, metafísica, moral, matemática e ciências físicas e naturais, com duração de três anos. Entretanto o Curso de Letras e o de Filosofia eram considerados de nível secundário; c) e o Curso de Teologia e Ciências Sagradas, de nível superior, que era destinado à formação de sacerdotes, conforme nos afirma Piletti (1988).

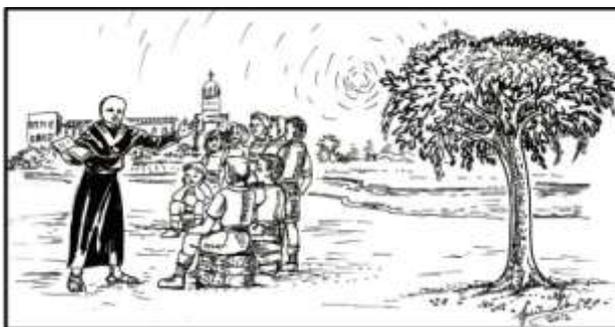
Quanto ao método de ensino utilizado pelos Jesuítas, consistia de um horário de estudo de cinco horas por dia, duas horas e meia pela manhã e duas horas e meia à tarde. Era necessário distribuir as matérias de acordo com o horário para aproveitar bem as aulas e cumprir as diversas ocupações que cada aluno tinha de efetuar na escola/internato.

O método era composto de *preleções*, que constavam das explicações dos textos do ponto de vista gramatical, literário e histórico; *memorização*, o aprendizado através da repetição; *emulação*, em que os professores estimulavam e adotavam o método de competição entre os próprios alunos; *expressão*, que garantia aos alunos, no nível inferior, a tradução de frases de uma língua para outra bem como a tradução de textos literários e se enfatizavam a elocução e a leitura de textos clássicos; *imitação* – era uma forma de se adquirir o estilo dos

outros clássicos e, por fim, *praticar jogos e representações dramáticas* (LARROYO, 1970).

Lembramos que um dos procedimentos metodológicos aplicado por Padre Rolim na fazenda/escola era a conferência semanal, que acontecia todas as sextas-feiras, denominada de “quilo”, que consistia de uma palestra entre o educador/sacerdote e os alunos. Padre Rolim sentava-se na tribuna ou ficava de pé de frente para seus alunos, os quais, numa postura silenciosa, tomavam os seus lugares nos banquinhos feitos de tijolos de frente para ele. Então, o educador/sacerdote procedia à leitura de trechos escolhidos e fazia as admoestações necessárias à vida colegial. O quilo durava uma hora e meia.

Imagem 2: Padre Rolim ensinando aos alunos na fazenda/escola



Fonte: Arte: TAVARES, Egivanildo (2012)

Porém, foi com a chegada da Família Real portuguesa que o quadro da educação brasileira veio sofrer uma mudança significativa. Com D. João VI, a educação superior passou a ser preocupação do Estado. “Foram criados cursos de caráter marcadamente utilitário, em nível superior, tais como medicina, agricultura, economia política, química, botânica além das academias militares (PAIVA, 1987, p.60)”.

O conflito entre o Marquês de Pombal e os Jesuítas, que lhes atribuíam intenções de se por ao controle do governo português, favoreceu a expulsão dos Jesuítas em 1759. A partir disso, surgiram as reformas do Marquês de Pombal e foram criadas as *aulas régias de latim, grego e retórica*. O encargo da instrução passou para a responsabilidade de capelães nomeados pelos bispos, no entanto, o imposto criado para ser aplicado à educação já se mostrava insuficiente.

QUANTO AO MÉTODO DE LANCASTER

Imagem 3 – Lancaster (em bico de pena)



Fonte: arte TAVARES, Egivanildo (2012)

Era um método pedagógico formulado pelo inglês Joseph Lancaster (1753-1838), nos últimos anos do Século XVIII, na Índia, e que foi introduzido na Inglaterra pelo pastor anglicano Andrew Bells (1753-1832). Esse método era conhecido e aplicado na Europa Ocidental desde o Século XVI e se constituía de um sistema de ensino mútuo. Propagou-se pelos seguintes países: França, Portugal, Itália, Alemanha, Grécia, Bulgária, Dinamarca, Suécia, Rússia, África, Índia, Austrália, Canadá, México, Peru e alguns países da América do Sul, como Argentina e Brasil. Era utilizado um banco de areia para o ensino como um local onde apareceriam as primeiras imagens das letras a serem construídas.

Imagem 4 - Banco de areia para o ensino



Fonte: Arte: TAVARES, Egivanildo (2012).

Lancaster empregou o primeiro método pedagógico para a instrução pública no Brasil, que foi instituído oficialmente na regência de D. Pedro I, por meio da Lei 15 de outubro de 1827. Foi um dos métodos de ensino utilizados por Padre Rolim em sua fazenda/escola.

O interessante é perceber que, na aplicação desse método, destacava-se a preparação de monitores para o encaminhamento das atividades pedagógicas a serem desenvolvidas no decorrer de toda a aprendizagem. Os monitores eram os melhores alunos da turma que repassavam para os colegas o que tivesse sido ensinado por seu único professor, embora o principal encargo do monitor não fosse ensinar ou corrigir os erros, e sim, coordenar para que os alunos se corrigissem entre si.

Ser monitor sugere prestar uma assistência ao professor na sala de aula ou fora dela e auxiliar outros alunos para realizarem as leituras necessárias ao estudo e nas tarefas que devem ser efetuadas. Para Lancaster, o monitor era também responsável pela organização geral da escola, da limpeza e, fundamentalmente, da manutenção da ordem. Havia uma proposta disciplinar de instrução a ser cumprida por cada aluno, relacionada à disciplinarização da mente, do corpo e no desenvolvimento de crenças morais próprias da sociedade disciplinar, e não, na independência intelectual (NEVES, 2003). No entanto, de acordo com a lei geral de 15 de outubro de 1827, estavam proibidos os castigos físicos nas escolas primárias, os quais deveriam ser substituídos pela disciplina de cunho moral. Contudo, como o método Lancaster era utilizado por Padre Rolim e nele se usava a disciplina como um meio de punir os alunos, é provável que, no procedimento de ensino aplicado por Padre Rolim, ele tenha se utilizado de

alguma forma de punição, seja a palmatória, a reguada, os “bolos” – palmas nas mãos, ou ajoelhar, disciplinas que eram utilizadas na época.

A palmatória era feita de couro cru, engrossado em uma das extremidades, constituindo essa o cabo onde se pegava, era achatada e arredondada na outra extremidade, com a extensão suficiente para cobrir a palma da mão. (BRETAS, 1991, p.154)

Imagem 5 - Palmatória



Fonte: arte: TAVARES, Egivanildo (2012)

Constatamos que Padre Rolim, em sua metodologia, nunca trabalhou sozinho, ele sempre formava monitores para colaborarem com o sucesso de seu método de ensino tal como os monitores que o método de Lancaster instruíam. Alguns nomes que encontramos registrados foram: Manuel de Sousa Rolim e João José Rolim de Alencar (irmãos), Vital de Sousa Rolim e Higino Sobreira Rolim (sobrinhos). Esses monitores, por diversas vezes, assistiram Padre Rolim quando precisou se retirar para o Seminário de Olinda-PE e ministrar a disciplina “Grego” e, em seguida, assumir o cargo de reitor no Seminário num período de dois anos.

Imagem 6 – Alunos em frente ao mural – tradução do livro de Lancaster



Fonte: arte: TAVARES, Egivanildo (2012)

Esclarecemos que o método de Lancaster consistia no ensino oral, no uso refinado e constante da repetição e da memorização. Em face dessa opção metodológica, não se esperava que os alunos tivessem originalidade ou

elucubração intelectual na atividade pedagógica, mas disciplina mental e física (NEVES, 2003). A importância de saber ler era o que distinguia as crianças entre si, e com base nesse domínio, é que outros objetivos educacionais e sociais eram definidos. Vejamos:

[...] existem dois tipos de crianças que podemos encontrar em qualquer escola; aquelas que estão aprendendo a ler e aquelas que já aprenderam. Para o segundo grupo, a leitura não é uma lição, mas o veículo de instrução moral e religiosa. Já para os primeiros, uma série de lições progressivas, evoluindo passo a passo até o ponto em que as crianças possam começar a armazenar conhecimento em suas mentes, para uma vida futura. (LANCASTER, 1805, p.40)

Imagem 7- Gravura dos alunos com a lousa/ método de Lancaster (1823)



Fonte: arte: TAVARES, Egivanildo (2012)

QUANTO AO MÉTODO DE ENSINO DE PADRE ROLIM

Quanto ao procedimento de ensino aplicado até o ano de 1855, Padre Rolim, como educador/sacerdote, atuou na fazenda/escola onde preparava seus alunos e formava monitores. Depois, foi ministrar no Ginásio Pernambucano, onde lecionou a disciplina Grego e assumiu a função de reitor entre os anos de 1855 e 1857. No entanto, durante o período de sua ausência, a fazenda/escola ficava sob os cuidados de outros professores e monitores que ele havia formado.

Existia uma programação rigorosa a ser cumprida na fazenda/escola que fazia parte do método de ensino proposto por Padre Rolim. O despertar era às cinco da manhã, e o deitar, por volta das oito horas da noite. Durante todo o dia, faziam-se atividades que eram cumpridas devidamente para cada horário estabelecido, e o recolher acontecia no início da noite. Lembramos o acolhimento tão próprio do regime noturno das imagens de que Durand (2001) nos fala. Esse era o momento de encontro pessoal, de solidão e de renovar as forças. Isso nos remete ao mito de Apolo.

No entanto após doze horas, o carro dourado de Apolo era puxado pelos poderosos cavalos para trás das longínquas montanhas. Então, as trevas com seu manto negro envolviam a Terra. Era o momento de refletir, de descansar, de recolher e de se preparar para um novo amanhecer [...] (CIVITA, 1973).

Desconfiamos de que o recolhimento, para Padre Rolim, acontecia de outra forma, porque, como estudioso, ele sabia do valor da leitura como uma das formas de adquirir conhecimento e dela fazer uso constante. Dedicava-se à leitura de revistas estrangeiras, que traziam pesquisas sobre botânica e história natural, em que ele realizava seus estudos e pesquisas.

Conta-se que uma vez por ano, o Sol desaparecia por tristes meses. E a Terra mergulhava nas gélidas sobras do inverno. Isso porque Apolo viajava com o carro dourado para o país dos hiperbóreos, terra de luz e alegria. Então, uma vez por ano, esse povo predileto de Apolo era abençoado com sua companhia que se sentava mansamente com eles à mesa, comia de suas iguarias e tocava harpa acompanhando o bailado dos dançarinos. Era um momento de festa que só terminava na hora triste em que Apolo atrelava seu coche resplandecente, e descia com o Sol para despertar a Terra, desatando a vida numa explosão estonteante de cores e perfumes primaveris. (CIVITA, 1973)

Percebemos quanta semelhança reserva essa mitologia grega com o educador/sacerdote que estamos estudando. Entendemos que as coincidências aqui não são casuais, mas mitológicas. Apolo, ou melhor, o Sol, está sempre presente nas atitudes de Padre Rolim como educador/sacerdote. Em seu procedimento de ensino na fazenda/escola, tudo começava com os primeiros raios do sol, quando acontecia a missa. Cada aluno tinha a missão de auxiliar na missa antes de iniciar as demais atividades do dia, como já mencionamos.

É possível perceber que os compartimentos da fazenda/escola eram sempre cheios de sol. O sol forte do sertão nordestino prefigurou o percurso da docência desse sacerdote. Aquele ambiente ensolarado e perpetuamente primaveril em certa medida dava uma força destemida a seguir avante e chegar ao alto do céu com um sentimento de ofício cumprido. Entretanto a necessidade de ver o povo douto no conhecimento se faz presente enquanto o coche dourado de Apolo estiver, enquanto o educador/sacerdote transmitir ao povo o conhecimento. Logo, entendemos que, durante a estada de Apolo, de Padre Inácio de Sousa Rolim existe o brilho do sol, “a missão de ensinar, de alfabetizar o povo cajazeirense, de enfrentar o monstro devorador do analfabetismo que assolava a região”.

Além do evidente envolvimento com a educação, Padre Rolim tinha outra paixão de infância, “a botânica”. Ele dedicou-se a estudar a história natural e se empenhou em desenvolver conhecimentos sobre diversos cultivos, tudo com o grande objetivo de ajudar o povo cajazeirense a se desenvolver. Em 1868, fez uma carta-ofício para o presidente da Província do Ceará, em que pedia sementes e mudas, tentativas oriundas de suas pesquisas na terra, por reconhecer o solo fértil da terra. Como já mencionamos, no período do

fechamento do colégio por causa da “Grande seca”, Padre Rolim se dedicou a escrever seu extrato de História Natural publicado no ano de 1881.

É interessante que Padre Rolim tornou o cultivo da terra como um método de ensino. Ele levava seus alunos para passear na fazenda/escola e conhecer as plantações dos legumes que plantava e de que cuidava pessoalmente e as árvores frutíferas e as flores plantadas no quintal do colégio, o que favoreceu diversos exercícios práticos para os alunos aprenderem sobre botânica.

Ele fazia passeios com os alunos pelo campo, achava interessante entrar em contato direto com a natureza, como forma de aprender e instruir-se, obedecer ao curso da natureza e não contrariá-la era princípio na formação do homem. (PIRES, 1991)

Vale considerar que, perto do colégio, ficava o sítio cultivado pelo educador/sacerdote que era um enamorado das árvores. Ele gostava do cultivo da terra e era voltado para a vida campestre. Na metodologia de ensino que aplicava aos alunos, ele permitia que contemplassem a natureza e a respeitassem. Consideramos que essa concepção de educação de Padre Rolim ultrapassava a dimensão da pura transmissão do conhecimento, porquanto ele era movido por uma sensibilidade.

Ferreira-Santos (2008) concebe que uma educação de sensibilidade inicia-se com a preocupação que se deve ter com o outro. Instâncias mais profundas de nossa psique devem trazer a sensibilidade necessária para desenvolver o ato educativo, a relação entre “o eu e o outro”:

É dessa herança sensível que os apontamentos de uma educação de sensibilidade reafirmam a importância das estruturas de serem possibilitadas pelos vários sentidos (visual, tátil, auditivo, olfativo, gustativo, cinestésico, vibratório, sincrônico, etc.) como forma de diálogo com instâncias mais primevas de nossa psique.

Assim, como educador/sacerdote, Padre Rolim compreendia que o método de ensino era necessário para difundir a instrução como uma força poderosa para o levantamento moral do povo sertanejo. Por isso essa foi uma das ações que mais desenvolveu em sua vida. Viveu até noventa e nove anos e deixou seu legado para o povo cajazeirense. Para ele, “o homem que não sabe ler não existe plenamente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponderamos que Padre Rolim, em sua metodologia de ensino, aplicou uma pedagogia sensível característica da utopia que vivenciou através de algumas atitudes, por exemplo, quando estimulava seus alunos a irem a campo observar, sentir e contemplar a natureza, quando ele era perceptível ao valor da região onde morava e buscava seu desenvolvimento, desenvolvia estudos e muitas leituras em revistas europeias sobre experiências agrícolas, reconhecia o valor das terras do Cariri, caracterizando-as como uma terra boa para toda sorte de vegetação, e quando aprofundava suas pesquisas sobre a história natural. A metodologia de ensino aplicada por Padre Rolim, como educador/sacerdote, foi notável. Ele desenvolveu as suas atividades sacerdotais e, como professor,

dedicou parte do seu tempo investindo na educação de seus alunos tanto na região onde residia quanto na circunvizinhança.

Como sacerdote, sua vida foi modelada por belezas morais do evangelho e pela sagrada doutrina; cumpria as obrigações ministeriais, atuava no sacerdócio com dedicação e o olhar atento aos menos favorecidos. Realizava os atos sacerdotais na capela construída na fazenda de seus pais e na fazenda/escola. Padre Rolim inseria missa antes do início das aulas e, como parte das atividades diárias, determinava aos alunos que participassem da missa e ajudassem a celebrá-la. Porém, não fica evidente se o seu objetivo era de preparar os alunos e conduzi-los à missão religiosa, até porque, nos registros que encontramos, é possível perceber uma ação educativa se sobressaindo muito mais do que uma ação de cunho religioso. Todavia, alguns de seus alunos tenderam para o ofício de sacerdote, como foi o caso de Padre Cícero no Crato - CE. Em contrapartida, outros tantos seguiram outro rumo, e grande parte deles para o Curso de Direito.

ABSTRACT

This article is about the size of the presents methodology applied by together with its good standard favoured the growth and success of the work developed by Father Rolim known as “Anchieta of the northeast” in the context of the arid “sertão” region of Paraíba State, in the city of Cajazeiras-PB, commencing with the building of a school on his parents’ farm in 1829. Our research is descriptive, documental and field based, and for data collection we utilized primary and secondary fonts. As a result of this study, analyse certain images used by Father Rolim in his school, where the general theory of the imaginary operates as a technical support.

Keywords: Education. Religion. Imaginary.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Lúcio. *Vida e obra do Padre Rolim*. Edição comemorativa aos 200 anos de nascimento do Padre Inácio de Sousa Rolim. Brasília: Senado Federal, 2000.

ALBUQUERQUE, Simone Formiga. *Práticas de leitura em Cajazeiras – PB (décadas de 1930 a 1950): memórias de ex-professoras*. João Pessoa, 2010. Orientação: Maria Lúcia da Silva Nunes. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. 17 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

BRETAS, Genesco F. *História da instrução pública em Goiás*. Goiânia: CEGRA/UFG, 1991 (Documentos Goianos, 21).

CIVITA, Victor. *Mitologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. v.I,II e II.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas-SP: Autores Associados, 1996.

- DURAND, Gilbert. *A estrutura antropológica do imaginário*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos, GOMES, Eunice Simões Lins (Orgs.). *Educação e religiosidade: imaginários da diferença*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos. *O crepúsculo do mito: mito-hermenêutica & Antropologia da Educação em Euskal Herria e Ameríndia*. São Paulo: Tese de Livre Docência, 2008.
- GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOMES, Eunice Simões Lins. *A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.
- GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. Uma pedagogia para a liberdade solidária: notas sobre a política educacional da Reforma Protestante. In: CAMINHA, Iraquitã de Oliveira; AQUINO, Miriam de Albuquerque (Orgs.). *Cantoria de pardais: educação, cultura e informação*. JP: Editora da UFPB, 2003, p.55-70.
- LANCASTER, Jose. *Sistema Britânico de Educação*. Trad. Guilherme Skinner. Porto: Tip. Da Vila de Alvarez e Filips, 1805, 83p.
- LARROYO, Francisco. *História geral da Pedagogia*. São Paulo: Mestre Ju, 1970.
- LEITÃO, Deusdedit. *O educador dos sertões: vida e obra do Padre Inácio de Sousa Rolim*. Teresina-Piauí: Gráfica do Estado do Piauí Impressora e Editora Ltda, 1991. (Coleção "Documentos Sertanejos" Série Paraibana, v.2).
- MARIZ, Celso. *Cidades e homens*. 2 ed. Joao Pessoa: Governo do Estado da Paraíba. 1985.
- NEVES, Fátima Maria. *História da educação no Brasil: considerações historiográficas sobre a sua constituição*. Maringá: EDUEM, 2003.
- O SONHO DE INACIM: O aprendiz do Padre Rolim. Produção e roteiro de Eliezer Rolim. Cajazeiras. Produzido por Ágata Tecnologia Digital Ltda. Assessoria e Produção Cultural, 2009. 1 DVD Player. 120m. Som. color. Post.Nacional. Trilha Sonora Chico César.
- PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 1987.
- PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. *Filosofia e história da educação*. São Paulo: Ática, 1988.
- PILETTI, Nelson. *História da educação no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

PIRES, Heliodoro. *Padre mestre Inácio Rolim: um trecho da colonização do norte brasileiro e o Padre Inácio Rolim*. 2 ed. Teresina-Pi: Gráfica Estado do Piauí, 1991. (Coleção “Documentos Sertanejos” Série Paraibana, v.1).

ROLIM, Ignácio de Sousa. *Noções da história natural*. Cajazeiras: 1881.

_____. *Extrato de gramática grega*. 2 ed. Teresina: Halley, 1993. Coleção documentos sertanejos.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. São Paulo: Ed. Associados, 2012.

SILVA, Severino Vicente da (Org.). *A igreja e o controle social nos sertões nordestinos*. São Paulo: Paulinas, 1988. (Coleção “Estudos e debates latino-americanos”, n.19).